

CAETÉS: UM POVO APAGADO DA HISTÓRIA NORDESTINA

ST21: CULTURAS HUMANAS PRÉ-HISTÓRICA DO NORDESTE DO BRASIL

Karen Nadja de Souza Morais (*UEPB*)

Karenmorais9@gmail.com

Juvandi de Souza Santos (*UEPB*)

juvandi@terra.com

RESUMO

Ao estudarmos a historiografia do Nordeste brasileiro vemos que no início da colonização portuguesa diversos conflitos marcaram a ocupação de nosso território, causando verdadeiros massacres. Diversos povos foram vítimas desse genocídio e muitos até exterminados, e só através de custosos estudos de historiadores e arqueólogos conseguiram identificar e garantir a existência desses grupos. Nesse artigo iremos focar nos índios Caetés, pertencentes ao grupo dos tupis, que segundo o mapa do etnólogo Curt Nimuendajú, habitou uma extensa área litorânea entre a ilha de Itamaracá e o Rio São Francisco (atualmente o estado de Alagoas) no século XVI. Apesar de se localizarem entre as tribos Potiguaras (ao norte) e o tupinambás (ao sul), os povos não tinham nenhum tipo de aliança e por sua proximidade com as águas do Rio São Francisco, tornaram-se construtores de embarcações. Estima-se que sua população era de 75 mil indivíduos. Na época da colonização, os índios caetés não estabeleceram um bom contato com os portugueses e se aliaram aos franceses no intuito de defender as suas terras. Os conflitos entre a coroa portuguesa e os caetés se intensificaram mais ainda depois de 1556, quando o barco em que o bispo Pero Fernandes Sardinha naufragou na costa ocupada pelos Caetés, e todos os ocupantes na embarcação foram mortos ou capturados pelos Caetés. Depois desse ocorrido, a reação de Portugal foi a mais violenta possível, a guerra foi declarada e a aniquilação dos índios Caetés foi certa. A morte do bispo Sardinha, além de servir para a declaração da guerra, foi também o tema principal do Manifesto Antropofágico, de Oswald de Andrade, que afirmava com uma metáfora que somente a antropofagia unia os brasileiros, pois a formação da identidade da nação ocorreu após haver devorado e deglutido (ingerido) as matrizes culturais europeias, africanas e indígenas. De forma geral, nesse artigo temos o intuito de ir mais afundo nesse episódio da história nordestina, através de estudos em arquivos e livros e examinar a vida e a cultura desses grupos que viviam aqui antes da interferência dos europeus.

Palavras-chaves: Caetés. Índios. Nordeste.

APONTAMENTOS INICIAS

O seguinte trabalho é resultado de pesquisas feitas ao longo da minha monitoria no Componente curricular história indígena. Buscaremos analisar os fatos que levaram ao extermínio dos Caetés, no recorte de tempo entre 1552 e 1565. Ao analisarmos a historiografia dos grupos pré-históricos do Nordeste, na maioria das vezes conseguimos informações básicas sobre os indivíduos. Os Caetés se destacam justamente pela ausência de informações sobre sua vivência aqui no Brasil, pode-se dizer até passagem, pois hoje em dia não a mais nenhum remanescente do grupo.

Sendo assim, se faz necessário um estudo mais aprofundado para compreender o que aconteceu nesse episódio obscuro de nossa história que culminou para esse povo ter sido apagado da história nordestina de maneira tão brusca. A metodologia utilizada para construção do trabalho foram pesquisas feitas em livros, artigos e sites de jornais.

O artigo está dividido em sessões seguindo a linha temporal de cada fato ocorrido. Ao longo do trabalho destacam-se três figuras que da história que foram determinantes nos fatos ocorridos, primeiro o Bispo Dom Pero Fernandes Sardinha, que veio ao Brasil com o objetivo de converter os nativos a doutrina católica, com o tempo vemos que ele falhou na missão, criou diversos conflitos que culminou na sua destituição do cargo.

A segunda figura é donatário Duarte da Costa que ao chegar na Bahia para ocupar de governador, criou conflitos envolvendo a escravidão indígena e devido ao estilo de vida peculiar de seu filho foi criticado pelo bispo sardinha, não gostou da crítica e logo deu-se início a uma briga entre o donatário e o bispo sardinha, que depois de destituído do seu cargo, foi solicitado que voltasse a Portugal, e na sua volta ocorreu o naufrágio na Foz do Rio Coruripe, onde o bispo foi capturado e morto pelos Caetés, gerando uma enorme revolta da Coroa portuguesa.

A terceira figura, é a Regente Catarina de Áustria, essa foi responsável pela ordem de extermínio aos Caetés, que em cinco anos, matou mais de oitenta mil indígenas.

Por último analisaremos uma segunda hipótese construída pelo historiador Moacyr Soares sobre o Naufrágio Coruripe.

OS CAETÉS

Foi possível localizar os caetés através do mapa de Curt Nimuendajú, lá demonstra o grupo na área litoral, da ilha de Itamaracá em Pernambuco até a foz do rio São Francisco, na

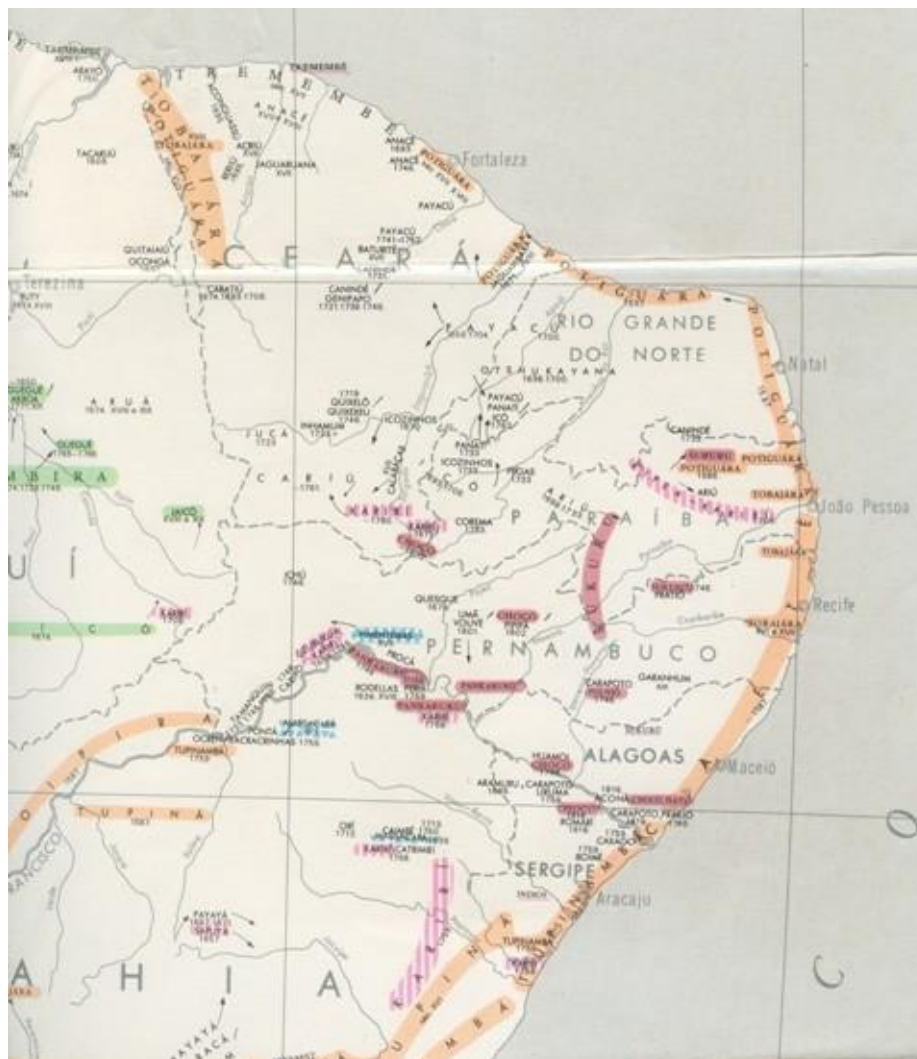
divisa dos estados Alagoas e Sergipe. Tinham como base linguística a língua tupi-guarani. Devido a sua proximidade ao mar, naturalmente desenvolveram a habilidade de construir embarcações. A quantidade de indivíduos pertencentes a esse grupo, assim como outros grupos, será sempre uma suposição, nesse caso, estipula-se entre setenta mil e oitenta mil. Sua religião era baseada em princípio de adoração a um deus que se chama tupã. Veneravam a lua e o sol. Acreditavam em seres que hoje fazem parte do folclore brasileiro, como a caipora.

Os seus aspectos culturais são similares aos outros povos do litoral. Usavam a rede de pesca, linha de anzol feita de osso, arpão e a própria flecha. Dos utensílios domésticos mais comuns se destacam, a cuia, a cabaça, a gamela, e cestas de palha feitas a partir da folha da bananeira.

Um dos pontos cruciais da história dos Caetés, foi a sua aliança construída com os franceses durante o período colonial. Ao contrário da maioria dos tupis não se aliaram aos portugueses, nisso acabaram aliando-se aos franceses na luta e principalmente no contrabando do pau-brasil.

Outra característica principal é que eram índios antropófagos. A prática de comer carne humana, iria bem mais além do que simples e puro canibalismo, acreditam que o indivíduo ganha força pela assimilação de outros, poderoso e perigosos. Poderia ser um guerreiro inimigo ou um parente, seria devorado da mesma maneira. Há diversos relatos de rituais antropofágicos presenciados ao longo da história, um dos mais conhecidos com certeza é o Hans Staden. Um alemão que foi capturado pelos tupinambás em 1549 e milagrosamente foi poupado.

No caso dos Caetés o ritual antropofágico que será relatado no próximo capítulo serviu de justificativa para os portugueses iniciarem uma guerra contra os Caetés. Foi utilizado como principal tema do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade.



Trecho

do Mapa Etno-Histórico de Curt Nimuendajú, 1981

DOM PERO FERNANDES SARDINHA

Filho de Gil Fernandes Sardinha e Lourença Fernandes, nasceu em 1495, natural de Évora, foi professor nas Universidades de Paris, Coimbra e Salamanca. E após ser vigário-geral de Goa, foi designado bispo da Bahia por D. João III. Chegou ao Brasil em 1552 e assim como os religiosos que vinha para cá, tinha o objetivo de converter indivíduos a doutrina católica. Mas, a seguir veremos que desde o dia em que o bispo pois os pés no Brasil se envolveu em diversos conflitos gerando atritos com poderosos que aqui estavam.

A visão do bispo a respeito da indígena era completamente eurocêntrica se assemelhando ao pensamento de Ginés de Sepulveda Valladolid, o qual via os índios como seres inferiores, sem alma, e por isso Sardinha não se considerava bispo desse povo.

Logo arranhou conflito com os Jesuítas, que ao contrário dele faziam uma conversão gradual dos índios, respeitando os seus costumes e desvinculando o cristianismo da cultura europeia. Criticava duramente os jesuítas por ouvirem confissões por meio de intérpretes.

Sardinha não pensava duas vezes antes de criar inimigos. Com a chegada de Duarte da Costa a Bahia para substituir Tome de Souza, trouxe consigo seu filho Álvaro da Costa, e a situação ficou ainda mais tensa.

Álvaro da Costa, era um homem violento e que utilizava da força para intimidar principalmente os indígenas. Era também um dos que se relacionavam sexualmente com as indígenas. Durante um de seus sermões, o bispo Sardinha condenou as ações de indivíduos que tinha praticas pecaminosa, não falou o nome de Álvaro, mas o recado foi bem direto, o que resultou no início de um conflito entre o bispo e o governador-geral.

O conflito não ficou apenas entre eles, afinal estamos falando de duas altas autoridades, o povo da colônia foi dividido em duas partes, pessoas foram perseguidas e mortas. Se por um lado Duarte da Costa era uma autoridade civil- militar o bispo era uma autoridade eclesiásticas.

A situação ficou tão crítica para o bispo, que até os próprios Jesuítas ficaram ao lado de Álvaro da Costa e contra Sardinha. Exemplo disso é o Jesuíta Serafim Leite que se referia a bispo como um “ caráter arrevesado”

O comando da reação colonial foi entregue a Álvaro da Costa, que conseguiu, com uma grande mortandade de índios, uma vitória incontestável, debelando a rebelião, enquanto deixava a situação do bispo ainda mais difícil, afinal, a função do clero, prevista no Padroado Régio, carta que regulava as relações entre o estado e a Igreja em Portugal, era de apaziguar os espíritos para viabilizar a colonização e a cristianização que daí adviria.

D. Sardinha estava longe de atingir esse objetivo, por isso ele foi destituído do cargo em 2 de junho de 1556 e convocado, junto a alguns de seus partidários, para ir a Portugal para dar explicações ao rei.



Estatua do bispo Dom Pedro Fernandes Sardinha em Salvador. Foto tirada da Wikipédia.

O NAUFRAGIO NA FOZ DO RIO CORURIBE

Em 15 de junho de 1556, o bispo e uma imensa comitiva, constituída por nobres, quatro cônegos, o provedor da Fazenda Real, Antônio Cardoso de Barros, escravos, mais de cem pessoas retornavam à Portugal na Nau Nossa Senhora da Ajuda. Mas após ter percorrido poucas seis léguas (24 Km), seu navio naufragou na costa do atual estado de Alagoas, próximo à foz do rio Coruripe.

Segundo Antônio Samarone, o primeiro relato do naufrágio do Bispo, dezesseis de junho de mil quinhentos e cinquenta e seis, a 24 léguas de Salvador, foi escrito pelo senhor de engenho Gabriel Soares de Souza, em seu Tratado Descritivo do Brasil, em 1587, denunciando os Caetés. Segue o relato:

"Depois que estes caetés roubaram este bispo e toda essa gente de quanto salvaram, os despiram, e amarraram a um bom recado, e pouco a pouco os foram matando e comendo sem escapar mais que dois índios da Bahia, com um português que sabia a língua, filho do meirinho da correição. ”

“O Bispo Sardinha foi depilado e pintado, dançou, comeu e bebeu antes de morrer, mas justiça seja feita, rejeitou as várias mulheres que lhe foram ofertadas. O Prelado já era um homem idoso (sexagenário), mas mesmo que fosse jovem, os seus princípios cristãos não permitiriam essa extravagância. Em nenhum momento o Bispo demonstrou medo, não pediu clemência, suportou o sacrifício antropofágico pacientemente. Rezava e cantava em voz alta parte da liturgia cristã. ”

A ORDEM DE EXTERMÍNIO

O episódio teve grande repercussão, o bispo Sardinha foi a maior autoridade eclesiástica a ser morta em um ritual antropofágico na América.

Como era de se esperar, houve retaliação pela Coroa Portuguesa. A Regente Catarina de Áustria decretou em 1557 a escravização ou morte de todos os índios caetés e seus descendentes por considerá-los culpados pelo sacrifício do Bispo.

Entre 1560 e 1565, Alagoas e o sul de Pernambuco ficaram despovoados. Uma população que demorou milhares de anos para se formar, em cinco anos foi completamente dizimada. Exceto os poucos que fugiram para a Serra do Aquetiba. Estima-se que duas nações foram exterminadas por conta do banquete canibal do Bispo Sardinha, os Caetés em 1562; e os Tupinambás de Sergipe em 1590.

UMA SEGUNDA HIPÓTESE DA HISTÓRIA

O historiador alagoano Moacyr Soares Pereira fez uma árdua revisão sobre a morte de Bispo Sardinha, analisando todos os documentos a respeito do assunto, construiu uma nova hipótese o verdadeiro local do naufrágio, que ao invés de ter sido na Foz o Rio Coruripe, a Nau teria se perdido na ensada do Vaza Barris e quem teria atacado os tripulantes teriam sido o Tupinambás, habitantes da margem direita do Rio São Francisco. Para confirmar sua hipótese, Moacyr nos mostra diversos documentos como uma carta náutica Marinha francesa de 1907:

“ Ao sul do São Francisco a costa infete-se e forma a vasta baía de Vaza Barris... Esta Baía é no inverno bastante perigosa; o vento e a corrente levam a Noroeste para o fundo da baía, onde não se encontra senão uma praia deserta, sem nenhum porto, nem abrigo os navios impelidos para praia dificilmente pode se safar”

Outro documento importante citado é a carta do jesuíta espanhol Antonio Blasquez, escrita a Inácio de Loyola em 10 de junho de 1557, informa que o naufrágio ocorreu a 355,2km de Salvador, que coincide exatamente com enseada do Vaza Barris e que ao contrário do que Gabriel Soares disse, teriam sobrevivido dez tripulantes e não três.

Cita também uma carta de Cristóvão de Gouveia (1586):

“ No meio quase da costa que há daqui até Pernambuco, está um rio por nome de Cirigi (Sergipe), assaz nomeado por estar na enseada, que chamam de Vaza-barris, (não confundir com o atual rio Vaza Barris), tão temida dos mareantes desta costa, e onde mataram o primeiro Bispo desta cidade, com os mais que iam na mesma Nau. ”

Sendo assim, o banquete teria sido feio pelos Tupinambás, sobre a ordem do líder Surubi e a culpa teria sido jogada nos Caetés para justificar o seu extermínio, mas na verdade essa versão teria sido forjada pelo governo Mem de Sá, procurando atender ao pleito dos donatários da Capitania de Pernambuco, a quem a já se incomodava a muito tempo com a presença dos Caetés. Havia também o desejo de ocupação das terras dos Caetés, tidas como de excelente qualidade para o plantio da cana de açúcar e ampliação dos engenhos pernambucanos.

APONTAMENTOS FINAIS

Quando estudamos o período de colonização vemos que os indígenas foram o grande alvo de uma verdadeira política de extermínio dos colonizadores, seja por motivos de terra, escravidão, riquezas, dentro outros. Ao examinarmos a história dos Caetés concluímos que esse povo fugiu um dessa regra. Devido ao feito de uma parte do grupo, uma população inteira foi aniquilada, pois muito provavelmente não procuraram saber quais foram os índios envolvidos na morte do Bispo Sardinha. Todo foram culpados até que se provasse o contrário. O que nunca foi provado.

A morte de um bispo, a ganancia de um governador e a ira de uma regente resultou na morte de oitenta mil pessoas em apenas cinco anos. Um verdadeiro genocídio.

Esse artigo teve o objetivo geral de auxiliar no estudo daqueles que querem se debruçar na história dos Caetés. Mas, ainda falta muito mais, como por exemplo estudar os impactos atuais desse genocídio. Para início, indico a coluna do historiador Antônio Samarone para o jornal 93 notícias.

REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

SERGIPE ANTIGO - (CAPÍTULO IX) - BISPO SARDINHA (parte dois)

Disponível em: <https://93noticias.com.br/blog/21/antonio-samarone/43574/sergipe-antigo-capitulo-ix-bispo-sardinha-parte-dois>

SERGIPE ANTIGO - (CAPÍTULO VIII) - BISPO SARDINHA (parte um)

Disponível em: <https://93noticias.com.br/blog/21/antonio-samarone/43527/sergipe-antigo-capitulo-viii-bispo-sardinha-parte-um>

Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Caet%C3%A9s_\(tribo\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caet%C3%A9s_(tribo))

Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Caet%C3%A9s_\(Pernambuco\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caet%C3%A9s_(Pernambuco))

Caeté | Britannica Escola

Disponível em: <https://escola.britannica.com.br/artigo/caet%C3%A9/483140>

Wikinativa/Caeté - Wikiversidade

Disponível em: <https://pt.wikiversity.org/wiki/Wikinativa/Caet%C3%A9>

Praia do Francês foi habitada pelos Índios Caetés Gazetaweb

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=WqbojcnGC8E>

Índios em Pernambuco

Disponível em:

http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=649&Itemid=188

[http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Relatorio_atividades_parte_1_PNP_I\(1\).pdf](http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/Relatorio_atividades_parte_1_PNP_I(1).pdf)

Manifesto em Antropófago

Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Manifesto_Antrop%C3%B3fago

Manifesto Antropofágico - Literatura

Disponível em: <https://www.infoescola.com/literatura/manifesto-antropofagico/>

Disponível em: <http://www.historiadasartes.com/nobrasil/arte-no-seculo-20/modernismo/manifesto-antropofagico/>